

Noções Elementares sobre o Capital

Notas para uma aula de Economia Política

Summario do estudo:

1 — *Classificação dos bens: bens de produção e bens de consumo.*

2 — *O Capital.*

3 — *Differentes especies de capital: capitaes productivos e capitaes lucrativos; capitaes fixos e capitaes circulantes.*

4 — *Como se forma o capital.*

1 — *Classificação dos bens: bens de produção e bens de consumo.* — Toda actividade economica tem por objectivo a satisfação de nossas necessidades e esse objectivo é attingido por meio da produção de bens.

Bem economico é, portanto, tudo aquillo que póde satisfazer uma necessidade humana.

Quando fallamos em bem economico, não temos em vista um julgamento moral. E' bastante que se trate da satisfação de uma necessidade do homem, seja esta licita ou illicita: nesse sentido é que consideramos um bem, do ponto de vista economico, o

opio ou a aguardente, sem cuidarmos do bom ou do mau emprego que possam ter essas cousas, bastando ao economista a consideração de que ella satisfaça um desejo do homem.

Mas não é sufficiente ainda essa consideração para deixar exactamente definido aquillo que chamamos *bens economicos*, pois, com effeito, muitos bens existem, satisfazendo a necessidades humanas, mas apresentando-se em quantidade illimitada, de modo a não custar nenhum esforço para a satisfação da necessidade: assim o ar atmosphérico, em condições normaes.

Taes *bens*, que se chamam *livres*, não interessam ao dominio economico.

Bens economicos entendem-se aquelles cuja aquisição demanda algum esforço, pois que se apresentam em quantidade limitada.

Chegados a este ponto de nosso conceito sobre bens eco-

nomicos, vamos tratar de classificar-os.

Esta classificação se resume no seguinte schema:

BENS ECONOMICOS

{	(A) Bens inacabados (materias primas)	
	(B) Bens acabados	{ I—Bens de consumo II—Bens de produção

Tratemos, presentemente, de dar a noção de cada uma destas categorias de bens.

A — A primeira divisão de *bens inacabados* e *bens acabados* justifica-se pelo facto de que os ultimos, para servir ás necessidades dos homens, não precisam de soffrer qualquer transformação, ao passo que os primeiros têm de ser transformados para attender áquellas necessidades.

O bem inacabado é, por exemplo, o trigo, o algodão, o minerio de ferro. E' aquillo que na rigorosa technica economica se conhece como *materia prima*.

Dissemos na rigorosa technica economica porque, no sentido usual, a expressão *materia prima* tem uma significação relativa: assim, a farinha de trigo é, para o padeiro, uma *materia prima*, si bem que não o seja no seu conceito absoluto, rigorosamente tecnico.

B — Entre os *bens acabados* faz-se uma nova distincção entre bens de consumo e bens de produção.

I — *Bens de consumo* são aquelles que satisfazem directamente nossas necessidades.

São tão differentes quanto essas proprias necessidades, que elles satisfazem: taes são as casas de residencia, os viveres, as roupas, os livros, os materiaes de aquecimento.

Desses bens, ha alguns que, pela sua natureza, sómente podem satisfazer a um só acto de consumo: taes são, por exemplo, os generos alimenticios. Outros podem servir a um uso mais ou menos prolongado, como a roupa, o sapato, a casa de residencia.

A toda essa categoria de bens, que acabamos de indicar, alguns economistas costumam qualificar de bens para consumo improductivo, em contraposição aos da classe, que se vae seguir, os quaes servem para um consumo reproductivo, e por isto se chamam —

II — *Bens de produção*. São os que servem para a produção de outros bens. Esses outros bens produzidos pódem, por sua vez, ser bens inacabados, bens de consumo, ou mesmo, outros bens de produção.

Entre os bens de produção estão, exemplificativamente o aparelhamento de produção (machinas, instalações, instrumentos, meios de transporte), os immoveis (predios ou terrenos) destinados ás operações de produção ou de circulação, a moeda e as materias auxiliares.

Materias auxiliares denominam-se, para distinguil-os das materias primas, os bens

utilizados para o meneio das machinas: o carvão de pedra, o petroleo, o alcool, etc.

O progresso economico reside na creação e no aperfeiçoamento dos bens de producção.

E' claro que, dada a solidariedade das necessidades, não basta a producção desses bens. E' indispensavel que, por uma engenhosa divisão de trabalho, haja homens produzindo, ao mesmo tempo, materias primas, bens de consumo e bens de producção.

Por outro lado, essa classificação não estabelece categorias impermeaveis.

Ao contrario, bens existem, que pôdem ser de *consumo* ou de *producção*, conforme o uso para que se destinam.

O carvão pôde ser bem de consumo para o particular que o emprega no aquecimento ou será bem de producção, si vae servir a uma industria. Uma casa pode ser bem de consumo ou bem de producção, segundo seu aproveitamento.

2 — *O capital* — Conhecida a classificação dos bens, podemos, então, definir o capital como “uma provisão de bens economicos destinados á producção”.

E' por este motivo que collocamos o capital entre os factores da producção.

A noção do capital não é isenta de duvidas.

Ao contrario, tem dado margem ás mais extremadas

theorias e tem sido perturbada por lamentaveis confusões contra as quaes nos devemos precaver.

Prevenidos de que não ha, nesse conceito, nada de absoluto, pois os limites da idéa não são perfeitamente nítidos, nós dizemos que a característica fundamental do capital é de ser um bem creado não por si mesmo mas para crear novos bens. E' um bem ou uma riqueza intermedia-ria.

O capital é o instrumento indispensavel para a producção de outros bens.

Não se deve confundir o capital, *categoria economica*, phenomeno tecnico, que não pode ser negado, não depende de theorias, pois é uma realidade, um factor indispensavel da producção, com a *posse do capital, categoria historico-juridica*, susceptivel do debate das doutrinas tendentes a encontrar uma melhor distribuição de riquezas.

A reivindicacção dos socialistas não consiste na destruição do capital, porque isto seria estancar a producção e fazer a humanidade retroceder no caminho de seu progresso.

O que os socialistas desejam é apoderar-se do capital, como instrumento, isto é, obter a posse do capital, transferindo-a das mãos de alguns individuos, denominados capitalistas, para a collectividade.

Não pedem que os operarios venham a tomar o lugar

dos actuaes capitalistas, mas querem que o capital evolu'a da forma juridica da propriedade privada para a fórma juridica da propriedade collectiva.

—
Não é, entretanto, esse conceito, que acabamos de definir, o unico que possa ser attribuido ao capital.

Ao lado dessa apreciação, restricta, do capital, como meio de producção, uma outra existe, e com a vantagem de maior antiguidade, segundo a qual o capital é a renda capitalizada.

Segundo esse conceito, apresentam-se em antagonismo as noções de capital e de renda.

E' assim que se costuma definir o capital como a parte duravel do patrimonio, aquella que não se deve consumir sem empobrecimento, ao passo que a renda é a parte movel do patrimonio, é a porção de bens que póde ser renovada, á medida que é consumida, e que póde ser consumida, sem empobrecimento.

Esse antagonismo está nitidamente explicado pela propria origem etymologica da palavra.

Caput pecuniæ era a somma principal, em moeda, da qual se esperava um rendimento.

E' nesse sentido que alguns economistas definem o capital como o fructo de uma pro-

ducção anterior, collocado em reserva e posto a juros.

Essa duplicidade de noções do capital advém da duplicidade de aspectos com que elle se apresenta.

Na primeira fórma, factor de producção, tem-se em vista o seu aspecto de *productividade*.

Na outra modalidade, processo desigual de distribuição, tem-se em vista seu aspecto de *rendabilidade*.

E' nesse ponto de vista que se funda a definição de Karl Marx, para o capital, como: "toda riqueza que serve para produzir uma renda para o seu possuidor independentemente do trabalho deste".

Neste momento, só nos interessa aquelle primeiro aspecto do capital.

Esses dous conceitos vão ficar melhor conhecidos no parographo seguinte, quando estudarmos as classificações dos capitaes.

—
3 — *Differentes especies de capital: capitaes productivos e capitaes lucrativos; capitaes fixos e capitaes circulantes.*

A primeira classificação entende com o proprio conceito do capital e melhor o explica para mostrar dous aspectos diversos sob os quaes elle se póde manifestar.

Capitaes productivos são os bens economicos empregados na producção de outros bens.

E' a noção restricta do capital, como bem de produção. E' a modalidade sob a qual o capital não póde ser atacado, pois é um phenomeno natural, indispensavel ao cyclo da producção.

Capitales lucrativos se consideram aquelles bens economicos cuja funcção é proporcionar uma renda a seus proprietarios.

E' nesse sentido que os socialistas condemnam o capital, considerando-o uma expoliação, pois representaria o aproveitamento indevido do trabalho alheio.

Quando ha um capital produzindo rendimento, sem trabalho por parte de seu possuidor, é porque esse rendimento significa que ha alguém, longe ou perto, trabalhando para aquelle resultado, que nada custa ao capitalista.

Em torno deste delicado assumpto da legitimidade do lucro do capital trava-se secular debate entre varias doutrinas sociaes e economicas. Conhecidos, perfunctoriamente, os termos do problema, deverá elle ser estudado no capitulo relativo á distribuição das riquezas.

Voltando á nossa classificação, diremos que capitales existem que podem ser collocados na categoria de *productivos* ou na dos *lucrativos*, segundo seu emprego ou seu destino.

Assim, uma casa, póde ser

um capital productivo, si é utilizada como officina ou estabelecimento industrial, e é capital lucrativo si se destina ao aluguel.

O dinheiro é capital productivo si o consideramos apenas como moeda, instrumento de troca, meio de circulação equiparavel aos outros meios de transporte.

Quando, porém, é uma somma emprestada, para render juros, reveste a fórmula do capital lucrativo.

Capitales fixos e capitales circulantes.

A distincção foi feita originariamente por Adam Smith considerando como capital circulante os bens que só proporcionam um lucro passando de mão em mão, ao passo que o capital fixo produz renda sem mudar de mãos, como um predio.

Na realidade, porém, sómente uma especie de capital circula indefinidamente, e é a moeda. Todos os outros bens, em via de regra, só podem mudar de mãos uma vez, como um producto que passa directamente para as mãos do consumidor.

A verdadeira distincção, porém, feita pelos economistas modernos, é a seguinte:

Capital circulante é aquelle que se emprega todo inteiro, na producção de um bem, como as materias auxiliares, de que é exemplo o carvão, que se queima na machina, e o adubo, que se enterra no

solo. Elle é incorporado, com todo o seu valor, no custo de producção da nova mercadoria.

Capital fixo é aquelle que serve a toda uma série de producções, sem desaparecer.

Assim acontece com os instrumentos, com as machinas, com os edificios.

Só o montante da usura, que se chama *amortização do capital*, é que se incorpora ao custo do novo producto.

Quando o capital fixo é inteiramente amortizado, antes de perecer, o trabalho economizado com o seu emprego passa a ser considerado, dahi por deante, como lucro liquido da empresa.

Não deve ser preocupação unica, na escolha e na utilização dos capitaes fixos, apressar o momento em que passe a produzir lucros liquidos. A previdencia economica deve ser mais modesta e mais segura: é bastante calcular-se, para esse capital, uma amortização annual tal que permitta ao capital reconstituir-se, por inteiro, a tempo de attender á sua renovação completa.

Mesmo para os capitaes lucrativos costuma-se calcular um prazo maximo de amortização, que é o periodo de tres gerações.

4 — *Como se fórma o capital.*

Si a actividade economica

se limitasse a produzir para o consumo immediato, vivendo os homens sómente do pão de cada dia, não haveria *sobra* ou *excedente* de producção, e a humanidade arrastaria sempre a vida miseravel dos troglodytas.

Para haver progresso, é necessario que haja um excesso de bens produzidos sobre os bens consumidos, ou porque a producção exceda as necessidades de cada dia, ou porque o consumo fique áquem dessas necessidades.

De qualquer fórma, ha um sacrificio e desse sacrificio nasce o capital.

Esse sacrificio se manifesta ou por uma restricção da satisfacção das necessidades ou por um augmento de esforços individuaes ultrapassando a medida indispensavel para a satisfacção actual dessas necessidades.

Esta restricção na satisfacção das necessidades, em virtude da qual se póde produzir, não sómente bens de consumo, mas tambem *bens de producção* ou *capital* é o que se chama *economia* ou *poupança*.

O augmento do capital real graças á libertação de forças productivas por via da poupança chama-se — *formação do capital no sentido concreto*.

Si o homem só produzisse para consumir, não teria tempo, nem oportunidade, para crear outros bens de produ-

ção, que constituem o capital. Na produção destes bens, isto é, do capital, entram os dous factores originarios da produção, a saber, a natureza e o trabalho.

Todo capital é resultado de trabalho accumulado, ou, na expressão de Karl Max, de "trabalho crystallizado".

Nem sempre esse trabalho *crystallizado* foi accumulado pelo proprio possuidor do capital, pois frequentemente acontece, e especialmente no regimen capitalista moderno, que o possuidor do capital se aproveita do trabalho accumulado de outros homens.

Este é, porém, um assumpto a ser estudado em outro capitulo de nosso programma, quando analysarmos os problemas da *distribuição*.

Por agora, limitando-nos ao estudo da origem do capital, devemos repisar, para perfeito conhecimento da materia, que o unico meio de formar e augmentar o capital é não gastar immediatamente toda a produção.

A criação de um capital novo é, portanto, o resultado da prudencia e da previdencia.

No que tóca, especialmente,

ao capital lucrativo, sua formação consiste na *abstenção do consumo*, isto é, numa transformação de rendas em capital.

Quando se trata, porém, de grandes fortunas, o crescimento do capital independe de sacrificio ou de abstenção, pois que se verifica a accumulção automatica do capital.

A formação do capital e seu constante augmento são caracteristicos inseparaveis da civilização.

O habito da economia, que consiste em subordinar o presente ao futuro é uma característica essencial do progresso.

E' essa economia que permite os lazeres fecundos, nos quaes os homens pódem desenvolver as qualidades superiores, que constituem a cultura, e, consequentemente, o aperfeiçoamento da humanidade.

Julho, 1930.

GUDESTEU PIRES.

Professor cathedratico de Economia Politica na Faculdade de Direito da Universidade de Minas Geraes.